

DISCURSO E HUMOR: DIVERGÊNCIAS E APROXIMAÇÕES ENTRE O *SMUT* FREUDIANO E SUA VERSÃO CONTEMPORÂNEA

Paulo Henrique Silva¹

Introdução

Desde os estudos de Freud (1900, 1905), o humor tem adquirido crescente relevância em inúmeros campos de pesquisa, especialmente nas ciências humanas. Um elemento peculiar entre as diversas manifestações humorísticas são os chistes, tema de um sofisticado estudo freudiano e objeto de análise do trabalho que segue. Além dos preceitos teóricos do autor austríaco, busca-se embasamento na Análise do Discurso de tradição francesa, especificamente nos estudos sobre o humor (POSSENTI, 1998, 2010; RASKIN, 1985) e sobre a noção de estereótipo (AMOSSY, 2008). O *corpus* é constituído por um conjunto de piadas com certo teor obsceno classificadas por Freud como *smut* e cujo ingrediente principal é a figura da mulher (os traços característicos desse tipo de chiste serão abordados durante a análise). A partir desse material, coletado em sites de humor e redes sociais, o objetivo maior é investigar quais traços dessa classificação proposta há mais de um século continuam operando nos chistes em circulação atualmente e quais características parecem ter se alterado, tendo em vista, principalmente, a posição social que a mulher ocupava na época em que Freud publicou seu estudo e a posição desfrutada hoje.

Nesse sentido, os chistes são exemplos da materialidade discursiva que compõe o tecido social. Da mesma forma como os discursos nos quais se inserem, representam forças em tensão e, portanto, demandam descrição e compreensão.

Tipologia dos chistes: O caso do *smut*

Em sua obra “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, Freud (1969 [1905]) assume que se interessou por esse aspecto peculiar da interação humana devido a uma afirmação de Wilhelm Fliess, para quem os sonhos estavam “cheios” de chistes. Um dos aspectos abordados nessa obra é o questionamento de onde residiria o cômico nos chistes, se seria em sua técnica ou no próprio conteúdo destes.

Para Freud, o chiste é “a habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas” (1969 [1905]). Desse modo, o chiste pode criticar muitas coisas em poucas palavras, utilizando-se de técnicas como a abreviação, o uso múltiplo do mesmo material e o jogo de palavras ou o duplo sentido. Uma série de técnicas é apresentada pelo autor. Três técnicas maiores, mais englobantes, são citadas, e dentre esses três grupos alguns subgrupos são apresentados. Destacam-se alguns tipos de técnicas de chistes, classificadas como condensação, múltiplo uso do mesmo material, duplo sentido etc., operacionalizando, assim, o processo de produção em que se engajam.

¹ Aluno especial do programa de pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/UNICAMP, Campinas, SP. E-mail: paulo.silva0306@hotmail.com

Essas técnicas dão origem a chistes que se dividem, por sua vez, em dois grupos: inocentes e obscenos. Um exemplo do primeiro grupo, apresentado pelo autor, é um chiste de Heine, “que faz um de seus personagens, Hirsch-Hyacinth, o pobre agente de loteria, vangloriar-se de que o grande Barão Rothschild o tenha tratado bem como a um seu igual: bastante ‘familiarmente’” (1969 [1905]). Para ilustrar a forma como um milionário havia tratado um homem, Freud escreve uma representação esquemática da relação entre as palavras que aparecem no chiste, que podemos parafrasear em uma série de três “etapas” subsequentes: “familiar” > “milionar” > “familiar” (p. 27).

Ao juntar “familiar” e a primeira parte da palavra “milionário”, o autor faz alusão ao poder aquisitivo do homem e a maneira de tratar as pessoas familiarmente, criando assim um chiste denominado por Freud de inocente.

Para diferenciar os dois grupos de chiste, ele afirma que seria fácil intuir a característica dos chistes de que depende a diferença na reação de seus ouvintes: “Em um caso, o chiste é um fim em si mesmo, não servindo a um objeto particular; em outro caso, o chiste serve a um fim - torna-se tendencioso” (idem, p. 91). Os chistes tendenciosos são, geralmente, dirigidos a algum ouvinte. Um tipo em particular, descrito por ele, desperta bastante interesse: o *smut*². Este chiste corresponderia à “intencional proeminência verbal de fatos e relações sexuais”. O autor acrescenta:

É fato bem mais relevante que este se dirija a uma pessoa particular, que desperta no locutor uma excitação sexual a qual, ouvindo-o, espera-se que fique ciente da excitação dele e em consequência, torne-se por sua vez excitada sexualmente. Ao invés de excitada, a outra pessoa pode ser levada a sentir vergonha ou embaraço, o que é apenas reação à excitação e, por linhas transversas, uma aceitação desta. O *smut* dirige-se pois originalmente às mulheres e pode ser equiparado às tentativas de sedução (FREUD, 1969 [1905], p. 38).

Uma cena bastante comum para o surgimento desse tipo de enunciado é descrita pelo psicanalista como a entrada de uma garçonete, ou esposa do anfitrião, em um ambiente de espécie mais humilde, entre os camponeses. Há de se supor, que então tais camponeses comecem a fazer *smuts* direcionados a essas mulheres. Ao descrever a técnica em operação, Freud assinala uma pessoa necessária para que possa ocorrer esse tipo de chiste: a mulher. No decorrer da mesma página, ele afirma que a primeira condição para o “desenvolvimento do *smut*” é a “inflexibilidade da mulher”, tendo ela assim “a maior importância no desenvolvimento do *smut*” e, por fim, reforça que “não se deve desconsiderar a presença da mulher”.

À luz da teorização sobre o *smut*, pode-se afirmar que a figura feminina é intrinsecamente necessária para o desenvolvimento do chiste, e que sua posição não é a mais favorável, uma vez que ela é a pessoa que “sofre” o chiste, tornando-se alvo dos gracejos e riso dos demais.

Entretanto, o que se observa no material aqui analisado é uma espécie de inversão no papel social da mulher, de acordo com os discursos evocados a partir dos chistes que constituem o *corpus*. Em consequência disso, para justificarmos nossa hipótese de surgimento de um novo tipo de *smut* (talvez fosse mais adequada uma nova denominação, possivelmente “*smut* feminista”

² “*Smut*: decidimos deixar em inglês a palavra porque não encontramos uma expressão portuguesa correspondente. Literalmente, significa ‘fuligem’; no presente emprego, em sentido figurado, significa ‘pornografia’” N.T. em Freud (1969 [1905] p. 98).

ou algo semelhante), passaremos, neste momento, a considerar a construção social da representação da mulher, explorando as condições históricas de produção que influenciaram essa representação desde os tempos de Freud até o período atual. Trata-se de traçar um esboço histórico que, embora breve, pretende contextualizar os chistes contemporâneos.

Efeitos das condições de produção na representação social da mulher

A principal contribuição da noção de condições de produção tal como proposta por Pechêux (1969) é retirar o funcionamento do discurso do âmbito da pragmática (o contexto imediato da fala, sua força ilocucional etc.) e inseri-lo numa instância bem mais abrangente, marcada por características institucionais e históricas. Para o autor francês, toda análise dita discursiva deve considerar imprescindível “o estudo da ligação entre as ‘circunstâncias’ de um discurso – que chamaremos de condições de produção – e seu processo de produção” (p. 75). Isso não quer dizer que a história de alguma maneira “determina” o discurso, mas que é preciso levar em conta as coerções históricas (seus condicionamentos) para uma explicação efetiva dos fatos linguístico-discursivos. No caso do trabalho em curso, é preciso compreender qual o cenário social e histórico a partir do qual emergiram as representações do lugar da mulher: um mais tradicional/limitador e outro mais recente/libertador (este último diretamente relacionado ao funcionamento dos *smuts* produzidos por mulheres).

As diferenças de gênero têm sido reproduzidas e até valorizadas em inúmeras culturas mundo afora. Considere-se, como exemplo, o contraste da vestimenta feminina (e o direito/obrigação de usá-la) representado entre o *Niqab*³ e uma minissaia. Nesse sentido, a própria figura feminina e a legitimação de seu lugar se tornam objetos de discussão em diversos campos do saber. Ribeiro (2014) diz ser a figura feminina amplamente ligada a uma postura de fragilidade, tendo assim que ser protegida, quer seja por um pai, por um irmão ou por um futuro marido, “dando origem aos moldes de uma cultura patriarcalista e machista”. De acordo com esse modelo, a mulher deveria ser sempre tutelada por homens. Uma das origens dessa percepção da mulher como uma categoria inferior ao homem se deve à influência da religião, em especial o cristianismo ortodoxo.

Em 1546, o papa Paulo III convocou o “O Concílio de Trento” para tentar contrapor algumas doutrinas que, com o surgimento e conseqüente expansão do protestantismo, haviam causado profundas modificações na Igreja Católica. Foi nesse concílio que se destinou à mulher o espaço doméstico/privado, agravando assim o patriarcalismo já estabelecido anteriormente. A esposa se torna uma espécie de suporte para a família, contribuindo para que o lar fosse mantido segundo os costumes e normas morais e visando assim um controle e uma padronização moral da sociedade. E ao homem foi dado o poder sobre a família, sobre sua mulher e seu lar.

Por demasiado período de tempo, o papel da mulher não foi o favorável à sua

³ *Niqab* é um tipo de véu que cobre todo o rosto e revela apenas os olhos, comumente usado por mulheres muçumanas. Disponível em: <http://www.mundoislamico.com/glossario.htm> Acesso em 11/03/2015.

emancipação, mas esse aspecto seria paulatinamente invertido originando assim uma “nova mulher”. Hobsbawn (1988) retrata esse processo de transformação do lugar ocupado pela da mulher. Muitos aspectos tais como o controle da natalidade, introdução ao mercado de trabalho, a maior participação sócio-política, entre outros, foram sendo lentamente introduzidos ao quadro geral e atribuindo um pouco mais de autonomia à figura feminina.

As transformações internas da burguesia [...] inevitavelmente ofereciam maior campo de ação para as mulheres e especialmente para suas filhas, pois, como vimos, criavam uma substancial classe ociosa de mulheres com meios independentes do casamento, e conseqüentemente, uma procura por atividades não domésticas (HOBSEBAWN, 1988, p. 285).

Um movimento em particular foi de grande importância para a causa das mulheres, o feminismo idealizado nos anos 50 e 60. Ele surge para, entre outros alvos, combater a veiculação massiva de um estereótipo da figura feminina que ainda hoje ressoa: a mulher “dona de casa”, que cuida dos afazeres domésticos, enquanto o homem está na rua, a trabalho ou por diversão. Tendo em vista esses aspectos, o movimento feminista foi o responsável por extinguir essa cisão “lar e rua” criada pela sociedade e eleger como seu principal objetivo “a luta pela igualdade entre os gêneros e a afirmação da campanha pelos direitos das mulheres” (KAZMIERKZAC, 2012).

Percebe-se, junto com Couto (2012), que o núcleo desse novo lugar que as próprias mulheres passaram a constituir e ocupar é a busca pela equidade. Em um quadro geral, de acordo com o autor acima citado, as mulheres não querem ser tratadas como os homens, mas buscam obter os mesmos direitos, ou seja, “elas mostram diariamente seus valores sociais, através de sua contribuição à vida política e familiar, e apenas desejam o fim da opressão masculina, transmitida culturalmente de geração em geração” (idem, p. 6).

Por outro lado, esse relativo espaço conquistado não impediu que a mulher continuasse enfrentando os efeitos do patriarcalismo. Um bom exemplo desse “enfrentamento” é fornecido por Possenti (2004). Embora a citação seja um pouco longa, decidimos apresentá-la na íntegra pelo fato de retratar uma situação bastante próxima ao constatado em nosso *corpus*, além de também mobilizar o conceito de condições de produção:

Recentemente, cresceu de forma exponencial o número das chamadas “piadas de loiras”, que as caracterizam como ignorantes e/ou sexualmente disponíveis. A meu ver, o acontecimento não pode ser dissociado dos movimentos feministas, em especial em consequência de um de seus efeitos: a ocupação por mulheres de postos de trabalho tidos como caracteristicamente masculinos. Por mecanismos típicos do gênero (ver, especialmente, Freud, 1905), as piadas caracterizam negativamente as mulheres, representadas metonimicamente pelas loiras: elas seriam curras (discurso que, na verdade, apenas aprofunda a velha posição masculina, que se reserva o privilégio da razão); mas como, mesmo assim, elas tomam os lugares dos homens, o discurso masculino justificará o fracasso, afirmando que elas os obtêm por serem sexualmente disponíveis (2004, p. 371).

Ressalte-se, ainda, que essa tensão entre os universos masculino e feminino era muito maior no fim do século XVIII quando Freud começou a desenvolver seus trabalhos. De certa

maneira, Freud reproduzia a visão patriarcal dominante. Chegou-se a afirmar que “na opinião de Freud, a verdade é que a mulher nada ganha pelo estudo e que, no todo, a sorte delas não há de melhorar com isso. Acresce que as mulheres não podem alcançar a realização do homem, na sublimação da sexualidade” (NUMBERG e FEDERN, 1962, p. 199-200).

A partir desse esboço histórico, passaremos à análise dos *smuts* contemporâneos que, sob nossa ótica, são sintomas da ruptura do lugar social ocupado pela mulher, constituindo uma inversão de papéis, uma vez que colocam o homem em uma posição anteriormente pertencente apenas às mulheres.

Análise dos chistes: uma possível variação do *smut* freudiano

Retomando as asserções da primeira parte deste trabalho, lembramos que a presença feminina, segundo Freud (1969 [1905]) é irrevogável para a construção de um *smut*. O exemplo de Freud trata de uma garçonete que, ao adentrar um ambiente cheio de camponeses, é alvo de um chiste desse tipo. Em consequência, o *smut* freudiano requer duas propriedades constitutivas: (a) a pessoa afetada é feminina e (b) há sempre um teor sexual/obsceno. Os chistes analisados a seguir contêm as mesmas propriedades elencadas por Freud, porém com uma diferença essencial em relação ao *smut* tradicional: a presença do homem sendo objeto de ofensas.

<p>I. O que as mulheres mais odeiam ouvir quando estão tendo sexo de boa qualidade? Querida, cheguei!</p>
--

Neste primeiro chiste, destaca-se o funcionamento da troca de *scripts* descrita por Raskin (1985, p. 99). Para este autor, a técnica é uma dos principais elementos responsáveis pela produção do riso nos chistes, pois causa o *admiratio*: trata-se de uma surpresa, uma espécie de constatação inesperada à qual o ouvinte ou leitor chega, enquanto esperava encontrar algo completamente diferente. Além disso, os dois *scripts* principais devem opor-se de uma forma especial, por exemplo, oposições entre o real e o irreal, estado de coisas normal ou esperados e estado de coisas anormais ou inesperados; situação plausível/possível e situação impossível/implausível, assim como inclui um “gatilho” que dispara a passagem de um *script* a outro (idem, p. 100).

No chiste em questão, constrói-se uma cena (*frame* ou *script*, genericamente) em que seria comum imaginar que a resposta à pergunta envolveria um elogio por parte do marido em relação ao desempenho sexual de sua esposa, inferido a partir do enunciado “sexo de boa qualidade”. A surpresa se dá justamente ao perceber-se que o marido não estava presente no momento do sexo, mas acaba de chegar em casa (do trabalho, da rua), anunciando “Querida, cheguei!”. A conclusão lógica é que a mulher estava fazendo sexo (de qualidade) com outro homem.

Para o recorte de nossa análise, merece relevo o fato de que a mulher do século passado, caracterizada como tímida, passiva e submissa não mais corresponde à mulher retratada no chiste: esta é dona de seu corpo, de sua sexualidade, não se submete aos padrões morais vigentes (monogâmicos) e faz questão de ter satisfação sexual. Ao mesmo tempo, constrói-se a imagem de

um marido que não é capaz de satisfazer sua esposa.

Essas traços constitutivos da representação da mulher e também do homem contribuem para a construção de estereótipos que são amplamente reproduzidos socialmente. A noção de estereótipo também é importante para a análise dos chistes, uma vez que a imagem estereotipada

é um lugar privilegiado de produção de sentido que possibilita a inscrição do social e do histórico no texto. O estereótipo é, também, uma construção de leitura, uma vez que ele somente emerge no momento em que o sujeito-leitor recupera, no discurso, esses elementos espalhados e frequentemente lacunares, para reconstruí-los em função de um modelo cultural preexistente (MUSSALIM & FONSECA-SILVA, 2011, 147).

Dessa forma, uma explicação consistente dos discursos que são mobilizados pelos chistes passa necessariamente pela identificação dos estereótipos construídos e veiculados por esses enunciados.

II. A mulher está ao lado do homem para o que der e vier, o homem está do lado daquela que vier e der!

Neste caso, observa-se em funcionamento o jogo linguístico apontado como Freud como um dos elementos constitutivos do riso nos enunciados chistosos – o trocadilho. Esse investimento na estrutura formal da frase, perceptível na inversão dos verbos “dar” e “vir”, pode também ser descrito como a figura de linguagem denominada quiasma⁴. O quiasma (ou quiasmo) se caracteriza pela inversão da ordem de algumas palavras na frase causando um efeito retórico peculiar, geralmente produzindo efeito irônico. O caso em questão parece construir sentidos em torno da diferença entre homens e mulheres: a oposição na maneira de ver o mundo se materializaria na inversão das palavras e, em consequência, numa possível inversão de valores. As mulheres valorizariam o companheirismo e a afeição, enquanto os homens dariam valor ao sexo sem qualquer sentimento ou compromisso. Na primeira parte do enunciado (figura feminina), estar ao lado de alguém para “o que der e vier” é um dito popular, uma construção formulaica que denota estar junto nos bons e maus momentos, dispostos a enfrentar todas as intempéries da vida sem jamais abandonar seu parceiro. Na segunda parte (figura masculina), a expressão “que vier e der” sugere envolvimento com qualquer mulher que aparecer, inclusive desconhecidas, a primeira que surgir e estiver disposta a manter relações sexuais. Ainda outra técnica citada por Freud se faz presente, a exploração do “duplo-sentido”. Some-se a essa interpretação, a técnica do “duplo sentido”, também citada por Freud. A segunda ocorrência do verbo “dar” se refere a um termo vulgar que é usado como eufemismo quando se fala da prática sexual da mulher – ela “dá” seu corpo (faz sexo) ao homem. O termo é bastante comum no registro machista. Dessa forma, o chiste, embora não construa a imagem da mulher como independente e dona de si, a enaltece como uma companheira leal e perseverante. A representação masculina, por outro lado, aparece denunciando a falta de moral dos homens, cujo caráter raso os impede de serem confiáveis, uma

⁴ Um exemplo adicional de quiasma em língua portuguesa é o provérbio: “O espelho reflete sem pensar, o homem pensa sem refletir”. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/1191690> Acesso em 09/03/2015.

vez que são incapazes de assumir compromissos.

III. Bicho infeliz o homem... Tem peitos sem leite, ovos sem casca, passarinho sem asa, e o pior de tudo, saco sem dinheiro!

IV. Quais os três animais que uma mulher precisa? Um Jaguar na garagem, um tigre na cama e um burro para pagar as contas.

Esses dois exemplos foram agrupados pelas semelhanças que compartilham. Em ambos os casos é possível perceber novamente o trabalho com a técnica do duplo sentido, especialmente para termos que usualmente são usados para se referir aos órgãos sexuais masculinos (em III) e termos – especificamente nomes de animais – que funcionam como metáforas do homem (em IV). Nos dois chistes, o efeito de sentido é a desvalorização da figura masculina, atacando sua imagem naqueles que seriam considerados os dois principais símbolos de sua masculinidade: seu vigor sexual e sua força de trabalho.

Em III, o homem sofre um processo de animalização em que é reduzido ao sintagma “bicho infeliz”, caracterizado por ter “peitos sem leite”, ou seja, possui órgãos sem função nenhuma, incapazes de amamentar, nulos do ponto de vista biológico. A descrição prossegue com três nulidades, três “faltas” constitutivas desse ser, indicadas pela repetição da conjunção “sem”: “ovos **sem** casaca, passarinho **sem** asa, saco **sem** dinheiro”. Nesse chiste, são as deficiências do homem que o constituem. Sua incapacidade é tão evidente que se mostra na própria anatomia: os “ovos” e o “saco” são referências populares aos testículos e o “passarinho” ao pênis. Note-se que um apagamento adicional da masculinidade acontece pela infantilização do pênis denominado “passarinho”, pois, assim como “piu-piu” e “pintinho”, essa denominação é utilizada para se referir aos bebês e não aos homens. Desprovido de sua virilidade e de seu lugar de provedor da casa (não tem dinheiro, portanto é incapaz de sustentar o orçamento da casa), o homem aparece ridicularizado e diminuído.

O processo de produção de sentidos em IV é bastante semelhante. Valendo-se do duplo sentido, o chiste explora a metáfora como principal fonte de significação. Nesse caso, o homem é descrito por sua semelhança com três animais: o jaguar (felino carnívoro semelhante à onça brasileira), o tigre (outro felino caçador, o maior de sua espécie, conhecido pela ferocidade e coragem) e o burro (equino bastante manso, muito utilizado para trabalhos rurais, veículos de tração animal como arados e carregamento de cargas). Embora o chiste comece falando de animas, o primeiro deles é na verdade se refere ao famoso carro esportivo que leva o nome de jaguar. O veículo é símbolo de status social e a presença de um deles na garagem indicaria prosperidade material à disposição da mulher. Nesse caso específico, o carro é que opera como uma metáfora do homem, índice de sua riqueza – o homem só é útil na medida em que pode fornecer bens de valor à mulher. Esse aspecto merece um aparte: reside também nessa caracterização certo imaginário depreciativo da mulher, pois ela seria “interesseira”, consumista e fútil, sedenta por bens materiais (em III, esse traço feminino também aparece na forma de um

implícito presente no superlativo “o pior de tudo” para dizer que o homem não tinha dinheiro, ou seja, o aspecto financeiro é aquilo que mais interessaria à mulher). Os traços da representação da mulher nesses chistes indicam a deriva dos sentidos, a heterogeneidade que é constitutiva dos discursos, assim como a complexidade dos processos que os produzem. Todavia, há sentidos que se sobrepõem. Se, por um lado, há certa inconsistência da figura feminina nos chistes em análise, há uma quantidade muito maior de indícios apontando para a figura masculina e sua desvalorização. Tendo em vista que as sociedades contemporâneas continuam eminentemente patriarcais, o ataque consistente e reiterado ao lugar do homem como dominador por meio dos chistes em questão parece ser a dimensão que se sobressai às outras e procura impor seu sentido sobre os demais. Além disso, a ridicularização do homem é o mote a partir do qual funciona o gatilho que produz o riso nesses textos – o alvo não é mais a mulher, conforme já dito anteriormente.

Voltando às metáforas, o tigre representa o vigor físico e a beleza. Embora possa parecer elogioso, lembremo-nos que ele é ainda um animal irracional, cujas qualidades, ainda que impressionantes, continuam para servir à vontade da mulher. O burro encerra o chiste, pois constitui o sentido mais depreciativo: aquele que vive integralmente para servir a sua dona, definido pelo dicionário online da língua portuguesa, na terceira acepção da palavra como “indivíduo estúpido, grosseiro, teimoso ou muito ignorante”⁵.

V. Por que os homens querem casar com virgens? Porque eles não suportam críticas.

Em V, o *script* evoca uma antiga tradição em casamentos cristãos: a castidade da mulher. É condizente com essa ideia (a de que há sempre um script inicial, que se apresenta como evidente ao leitor/ouvinte) que Possenti (2010, p. 111) diz que a característica mais típica das piadas é que elas exigem a existência de uma “armadilha”, um tipo de pequeno enigma que o leitor precisa decifrar.

Assim, em vez de se encontrar a resposta esperada a pergunta do chiste (os homens querem casar com virgens porque querem mulheres castas, respeitadas, que se guardaram para seus maridos até o dia do casamento etc.), encontra-se uma resposta inesperada, que desvaloriza o homem por atribuir a ele a pecha de não saber satisfazer uma mulher sexualmente (e é criticado por isso) e por não ter coragem sequer de discutir o assunto (não gosta de críticas). A imagem da mulher implícita no chiste reforça a ideia de mulher madura, sexualmente ativa e que faz questão de desfrutar prazer com seu parceiro. Ainda mais: essa mulher não se contenta com um relacionamento ruim e não tem receio de discutir sua insatisfação, mesmo que para isso tenha que tecer críticas ao marido ou parceiro. Em face à desenvoltura dessa mulher, resta ao homem, em sua incompetência, recorrer às inexperientes virgens que não têm parâmetros para perceber a performance ruim de seus pretendentes.

⁵ Disponível em: <http://www.dicio.com.br/burro/> Acesso em 09/03/2015.

VI. Por que Deus criou o homem? Porque vibradores não cortam grama.

VII. O que têm em comum o clitóris, os aniversários e o vaso sanitário? Os homens sempre erram.

Os dois últimos chistes parecem ser os melhores exemplos de *smuts* “feministas”. Em VI, a única justificativa para a existência do homem na terra é a realização de trabalho braçal, aqui representado por “cortar grama”. A menção aos vibradores evoca o aspecto sexual essencial para a caracterização desse tipo específico de chiste. Isso também coloca esse objeto como superior a qualquer necessidade da presença no homem na vida da mulher. Conhecidamente utilizado para masturbação feminina, o vibrador ressalta, mais uma vez, a atitude assertiva da mulher em buscar seu próprio prazer e não sentir pudor nisso (a masturbação é uma das práticas condenadas pela religião e pela sociedade em geral, especialmente no caso das mulheres). Acrescente-se a essa leitura o fato de os homens não serem capazes de dar prazer às suas parceiras, conforme se lê em VI, haja vista que “os homens sempre erram o clitóris”, assim como os aniversários e o vaso sanitário. Errar ou esquecer a data do aniversários (da esposa, dos filhos, do casamento etc.) denota a natureza distraída e descomprometida dessa homem. Errar o vaso sanitário implica que ele é, também, descuidado e displicente com a limpeza do lar, deixando os cuidados com a casa a cargo unicamente da mulher. Como se não bastasse, ele também “erra” (desconhece, ignora) a anatomia dos órgãos sexuais femininos, completando, assim, a caracterização desse homem imprestável.

Nota-se que se trata, praticamente, do mesmo estereótipo masculino em todos os chistes considerados: um homem grosseiro, inútil, burro e péssimo parceiro amoroso.

Segundo Amossy (2008, p. 125), os estereótipos são representações coletivas cristalizadas ou esquemas culturais preexistentes e compartilhados no mundo social que operam na maneira com que a comunidade avalia e percebe o indivíduo, segundo categorias por ela mesma difundidas. A partir dessa definição, identifica-se no material analisado uma representação que ridiculariza a figura masculina como principal alvo de chacota, e que enaltece a imagem da mulher, identificando-a como dona de seu corpo e de seu destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da análise, foi possível perceber que embora a mulher ainda hoje não esteja em condições de igualdade com o homem, seu lugar de feminilidade sempre foi inferior à posição masculina. Dessa forma, Freud não se precipitou ao falar que a figura da mulher era necessária ao *smut* da época, visto que ao analisar as condições sociais em questão, de fato a mulher era a figura menos favorecida naquele tempo e que, possivelmente, havia um discurso machista (que ressoa inclusive hoje) segundo o qual a mulher era objeto masculino em vários aspectos. Nos

chistes contemporâneos, é o homem que ocupa o lugar de objeto. A mulher não mais sofre o chiste, mas o enuncia.

Retomando a conceituação de Freud para se classificar o *smut*, lembramos que é preciso ser um enunciado curto, direcionado a uma mulher e que haja alusão a alguma prática sexual. Para ser fiel à tipologia freudiana, os chistes contemporâneos não podem ser chamados de *smut*, embora muito assemelhados. É possível propor, então, mesmo que seja por hipótese a ser confirmada com mais dados, uma nova categoria de chistes, pelo fato desses enunciados não se encaixarem nas exigências já especificadas. Propomos *smutwoman*, ou *smut feminista*, para que estes chistes possam se diferenciar do *smut* “clássico”. Essa nova denominação parece se adequar ao relevo que a nova posição da mulher merece receber no espaço social.

Paralelamente, ao se analisar a constituição e transformações da figura feminina no *smut*, percebe-se que as mudanças não são originadas por vontade dos próprios indivíduos, mas sob efeito de condições sócio históricas determinadas por conjunturas muito mais abrangentes: a religião, o mercado de trabalho, a luta de classes e de gêneros. Se a mulher continua sendo alvo de ridicularização, agora não está mais sozinha como alvo de zombarias. Ainda mais: ela também divide o lugar do algoz.

Tais ocorrências talvez sejam um indicador de que a luta pela igualdade esteja gradativamente sendo auferida – e o humor aparece como um lugar em que isso se mostra de maneira axiomática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, R. *O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos*. In: AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no Discurso*. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1905].

HOBBSBAWN, E. J. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MUSSALIM, F. & FOSECA-SILVA, C. *Estereótipos de gêneros e cenografias em anúncios publicitários*. In: MOTTA, A.R. & SALGADO, L. (org.) *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.

NUNBERG, H. e FEDERN, E. (orgs). *Minutes of the Vienna Psychoanalytical Society, I: 1906-1908*. Nova Iorque, 1962, p. 199-200.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. (1975) In: GADET E HAK (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Ed. Unicamp, 1990.

POSSENTI, S. *Humor, Língua e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN E BENTES (orgs) *Introdução a linguística, fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1985.

RIBEIRO, P. S. *O papel da mulher na sociedade*. In: Brasil Escola. 2014. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/o-papel-mulher-na-sociedade.htm>>. Acesso em: 09/março/2014.

SKINNER, Q. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. RS: Unisinos, 2001.

Linguasagem, São Carlos, v. 23 (1): 2015.

SOUZA, D. A. KAZMIERCZAK, M., COUTO, R. *Mulher e sociedade: Como podemos compreender as mulheres à luz de seus direitos sociais na contemporaneidade?* Porto Alegre, RS. 2012. Disponível em:
<http://www.colegiomaededeus.com.br/revistacmd/revistacmd_v32012/artigos/A6_Mulher_Sociedade.pdf>. Acesso em: 09/março/2014.